

O conceito de mediação e a construção de sentido pelas fontes no radiojornalismo*

Luan José Vaz Chagas**

Resumo

O presente artigo é um conjunto de reflexões sobre o processo de mediação segundo Silverstone (2002) e Martín-Barbero (2006) e a utilização das fontes no radiojornalismo. Parte-se do pressuposto de que a construção de significados em uma sociedade democrática passa pela diversificação de vozes e pontos de vista. Assim, a mediação, que não parte de um texto singular, no jornalismo é carregada de forças essencialmente políticas representadas por argumentos e interesses. Assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica, realiza-se uma síntese das classificações de fontes nas teorias do jornalismo para debater a participação destes agentes na construção da notícia no âmbito radiofônico.

Palavras-chave: radiojornalismo; fontes; mediações; diversidade.

Abstract

This article is a set of reflections on the mediation process according to Silverstone (2002) and Martín-Barbero (2006) and the use of sources in radiojournalism. It starts from the assumption that the construction of meanings in a democratic society involves the diversification of voices and points of view. Thus, mediation, which is not part of a singular text, in journalism is charged with essentially political forces represented by arguments and interests. Thus, from a bibliographical research, a synthesis of the classifications of sources in journalism theories is carried out to discuss the participation of these agents in the construction of the news in the radiophonic scope.

Keywords: radiojournalism; sources; Mediations; diversity.

Introdução

O conceito de mediação, enquanto local de disputas, atravessa diferentes instâncias sociais, e entre produtores e consumidores leva a diversas reflexões sobre a mídia na sociedade. O questionamento central no radiojornalismo, inserido no contexto do rádio expandido, é entender como a seleção e a participação das fontes são partes do processo de mediação das notícias. A imensidão de informações presentes nas mais diferentes plataformas de circulação radiofônica no dia a dia provocam percepções heterogêneas e híbridas. Os agentes que participam

* Trabalho apresentado no XIII Póscom, de 23 a 25 de novembro de 2016, no GT5 – Comunicação & Política.

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM-UERJ). Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bolsista Faperj e membro do Grupo de Pesquisa “Mediações e Interações Radiofônicas”. E-mail: luaanchagas@gmail.com.

deste processo – jornalistas, fontes e ouvintes – se apropriam e resignificam diariamente as notícias de acordo com suas relações específicas.

Com uma revisão bibliográfica, o artigo realiza um mapeamento da participação das fontes no processo de mediação em três movimentos: a) o conceito de mediação e as dinâmicas específicas que constituem o diálogo, a tradução e diferentes vozes do processo; b) o rádio expandido e a classificação das fontes nas teorias do jornalismo; c) uma proposta de abordagem sobre as relações entre a seleção das fontes e a diversidade e pluralidade de vozes no radiojornalismo. A síntese taxonômica das vozes que são utilizadas nas redações tem o objetivo de debater a participação de diferentes agentes na construção da notícia.

O objetivo é relacionar os debates sobre o rádio como instituição social na democracia e, expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), na fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2002) sofre alterações nas dinâmicas de produção jornalística. A diminuição no número de profissionais, o jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos e fontes cada vez mais profissionalizadas são questões presentes no atual contexto da pesquisa e da prática acadêmica. Dessa forma, reconhecer as especificidades da produção informativa radiofônica e a construção de sentido a partir dos agentes que nela participam, visa encontrar dinâmicas políticas localizadas que fornecem aspectos para compreender as mediações enquanto perspectiva macrosocial.

Mediações e o jornalismo

As tensões do cotidiano político, econômico e social noticiadas a cada instante e em ritmos cada vez mais velozes colidem com apresentação do conjunto de vozes e interesses presentes nas informações jornalísticas. A seleção dos acontecimentos, quem atua no processo tradução e no envolvimento social, a mediação específica de diferentes plataformas e o reconhecimento das audiências sobre tudo isso são partes da discussão. Neste emaranhado de mensagens midiáticas, a mediação é parte de uma reflexão que busca situar a pesquisa sobre estes processos.

Silverstone (2002) exemplifica essas questões ao reconhecer que a mídia possui uma participação essencial na vida diária, na experiência contemporânea que atravessamos. Desta maneira, se torna impossível escapar das notícias, dos eventos que são criados, recriados, da representação proporcionada, articulada e rearticulada pela própria audiência. Essa relação de

apropriação e reapropriação, de entendimento e significação é também uma dependência da informação e do entretenimento diante das intensidades da experiência.

Ao considerar o intenso consumo destes produtos, em diferentes plataformas e dispositivos, o autor aponta os estudos voltados à mídia enquanto um processo, algo em curso, mas também pronto em diferentes níveis. Esse reconhecimento leva a insistir nas mudanças históricas e nas experiências sensoriais na vida cotidiana ao longo dos séculos XX e XXI com a introdução de objetos de consumo, como o rádio, a TV, o telefone e a internet. Por outro lado, implica também em olhar para um processo político e econômico desenvolvido por instituições dominantes, oriundos de traços fundamentais para entender a cultura da comunicação contemporânea.

Neste ambiente difuso e híbrido, entender a mediação significa olhar para os âmbitos que proporcionam fazer distinções e juízos diante da experiência cotidiana de acesso aos conteúdos da mídia. Silverstone (2002: 33) compreende a mediação como o “movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outros” e as constantes transformações de significados em grande e pequena escala no contato com os textos midiáticos. A experiência individual e coletiva foge a uma circulação fechada se traduz na infinidade de intertextualidades provocadas pelos agentes que dela participam.

Para Steiner (apud SILVERSTONE, 2002), a tradução é um movimento hermenêutico baseado num quádruplo de confiança, agressão, apropriação e restituição. Nos moldes da mediação, essa base é relacionada por Silverstone (2002) por ser um processo nunca completo ou satisfatório e sempre em transformação. Na tradução, a *confiança* implica valores que queremos compreender e compartilhar, a crença nos significados; a *agressão* com a violência da apropriação, da posse dos significados alheios e as tentativas de compreensão; levar os significados para casa, a consumação e a domesticação que provoca a *apropriação*; por fim, a *restituição* com a reciprocidade no momento em que se devolvem os significados e produz acréscimos, algo diferente, novo.

A mediação como tradução e os jornalistas que selecionam as vozes participantes da notícia construída sobre os acontecimentos, seguem a mesma linha que aponta Silverstone (2002). Entender este processo é olhar para a mediação como algo que rompe o textual e está inserida em relações horizontalizadas, descrições da realidade através do tempo e do espaço, nem sempre fidedignas ao que realmente representa. Outra questão é a autoria no ato de traduzir a

presença de diferentes instituições, agências, grupos, tecnologias na mediação presentes em infinitos textos. Assim, segundo o autor, a importância de olhar para o processo como uma tradução está no investimento, nas reivindicações que passam pela mediação, nos ações e condições em que são produzidos os significados, as instabilidades e o fluxo das transformações.

Precisamos compreender esse processo de mediação, compreender como surgem os significados, onde e com que consequências. Precisamos ser capazes de identificar os momentos em que o processo parece falhar, em que é distorcido pela tecnologia ou de propósito. Precisamos compreender sua política: sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e de indivíduos; e seu próprio poder de persuadir e de reclamar atenção e resposta. (SILVERSTONE, 2002: 43)

Esta compreensão parte de uma des-territorialização ao considerar o papel das fontes no processo, para além da construção da notícia somente focada nas rotinas e na produção jornalística. O ato de procurar nestes agentes específicos, o processo de mediação, busca fugir das considerações macrosociais presentes nas instâncias envolvidas por Martín-Barbero (2006; 2004) e sim cartografar as formas que se constituem as dinâmicas e relações na escolha e apresentação do conjunto de vozes. Desta forma, partimos do contexto apresentado pelo autor ao considerar os múltiplos processos sociais, culturais e econômicos, do contexto da produção para o consumo.

Martín-Barbero (2006: 292) define mediações como um campo que se constitui por dispositivos pelos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida comunitária. Assim, propõe o que chama de “mapa noturno para explorar o novo campo” baseado em três lugares: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Ainda que soe vago na ótica apresentada pelo artigo, essa formulação, criticada depois inclusive pelo próprio autor, nos ajuda a fazer uma ponte entre o conceito formulado em “Dos meios às mediações” (2006) e depois em “Ofício de cartógrafo” (2004).

No primeiro caso, a análise realizada sobre o papel da televisão na América Latina leva a reconhecer na cotidianidade familiar questões como a “a proximidade e a magia de ver” (MARTÍN-BARBERO, 2006). Na proximidade de personagens e acontecimentos, os discursos familiarizam e aproximam até mesmo o que é mais remoto, gera transparência e contribui com aspectos relacionados à simplicidade, clareza e economia narrativa. Para o autor, nestes aspectos

se fundamenta a marca da hegemonia, em torno dos dispositivos que dão forma a um cotidiano familiar e espaço de relações e vivências.

A temporalidade social é permeada pela produção valorizada pelo capital e constituinte da cotidianidade, que repetitivo, acaba, recomeça em fragmentos que formam em uma matriz cultural organizada. Dessa forma se pensam as programações, cruzando a necessidade de gerar rentabilidade com gêneros e discursos proferidos no meio. Ou seja, a construção de uma estética da repetição na variação das indidentidades e o sentimento de duração, inaugurado nos folhetins do século XIX e presentes nos formatos midiáticos da atualidade (MARTÍN-BARBERO, 2006).

Por fim, o lugar da mediação que o autor propõe um debate sobre a participação da televisão na sociedade é a competência cultural: “Talvez em nenhum outro lugar o contraditório significado de massivo se faça tão explícito e desafiante quanto na televisão” (MARTÍN-BARBERO, 2006). A inclusão cultural, desativação de diferenças sociais, integração ideológica implicam socialmente ao considerar os gêneros, não somente da televisão, mas dos meios em si, em articular a serialidade temporal e a mediação entre produtores e consumidores, tanto nos aspectos das escolhas como na leitura.

Posteriormente, Martín-Barbero (2004) afirmou que o objetivo do mapa era indagar a dominação, a produção e o trabalho por meio das brechas do prazer. A fuga de perguntas que já estavam recorrentes nas investigações sobre os meios de comunicação e a cultura levam ao reconhecimento das mediações, entre os sujeitos, as zonas da realidade cotidiana com a dependência, apropriação e a invenção. Ao cartografar essas experiências, nas décadas de 1980 e 1990, o autor não subestima a mídia como algo onipotente e único, mas que é atravessado pela recepção, um lugar ambíguo.

Assim, as mediações, envolvidas pelas ações da mídia, são espaços envolvidos por diferentes vozes, por negociações de sentido, diferentes visões de mundo apresentadas pelo conjunto de agentes presentes nestes textos. A luta entre posições antagônicas na sociedade passa pela mediação dos núcleos familiares, da presença na vida em comunidade (MARTÍN-BARBERO, 2004).

Assim, olhar para as mediações implica também analisar como se dão as disputas de sentido entre a emissão, a recepção e as tecnologias. A formação de vínculos na produção textual é parte de uma rede complexa de signos em disputa (MARTÍN-BARBERO, 2004). Assim como o consumo cultural marca um lugar de participação simbólica das audiências, as apropriações e

reapropriações são partes do reconhecimento e valor atribuído às vozes presentes nestes textos. O local de fala das fontes e o papel da pluralidade ou diversidade nos conteúdos se torna fator preponderante diante do reconhecimento das diferenças culturais presentes na sociedade.

Como afirma García Canclini (1990), é preciso enxergar que a hibridização dos estratos culturais da sociedade produzindo um pluralismo generalizado nem sempre contempla a diversidade social. O autor argumenta que a fluidez comunicacional, a descentralização e a multiplicação de serviços de mídia não estão disponíveis a todos e, mesmo como novas mídias, coexistem com velhos e novos dispositivos de concentração da hegemonia. Assim, a fragmentação dos públicos com uma segmentação desigual é o resultado pela descentralização comunicacional, traduzida na ausência de regulação dos mercados. Quando o poder público deixa de cumprir o seu papel, o acesso à informação e a bens culturais deixa de ser acessível para a maioria. Neste sentido, quando não se pensa nas diferentes vozes, a preponderância de quem fala é quem possui condições de conquistar a hegemonia das leis propostas pelo mercado.

As fontes e suas diferenças sociais

O processo de seleção de fontes e a transparência da origem das informações veiculadas pelos suportes informativos são discussões constantes na construção da notícia. Saber de onde vêm as notícias não é somente uma pergunta retórica, mas uma garantia da manutenção do jornalismo como instituição social e parte do conjunto de interesses públicos presentes em uma sociedade democrática. Os critérios de noticialidade e os valores notícia são atributos que proporcionam uma equação que garante a seletividade do conjunto dos acontecimentos e as vozes que produzem sentido sobre cada um.

Compreender a participação das fontes no processo de mediação é reconhecer também, como afirma Chaparro (2011), que o jornalismo se tornou um espaço de socialização de discursos particulares. Desta forma, a disputa, presente em todos os campos da atividade humana, também se forma no interesse por fazer valer os interesses econômicos, políticos, sociais e culturais neste processo. Para isso, as fontes procuram profissionalizar essa relação com a instituição e formação de assessorias, agências e outros aparatos para garantir a presença e o acesso ao noticiário jornalístico.

O esforço de classificar as fontes atua no sentido de mapear as diferenças de interesse e participação destas vozes no conjunto de enunciados que produzem diariamente os meios de

comunicação. Como afirma Pinto (2000), as fontes são pessoas, grupos, instituições, vestígios, falas, documentos, preparados, construídos ou não e recorrem aos jornalistas com táticas específicas: “As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados” (PINTO, 2000: 290).

Analisar o conjunto de mensagens que o jornalismo seleciona e distribui diariamente é também um esforço de enxergar que relações estão em disputa na mediação destes sentidos. A atuação diferenciada de cada tipo de fonte demonstra a infinidade de formas de encontrar e posicionar esses agentes, porém nos leva a outros questionamentos, como a preponderância na escolha de fontes oficiais. Ou como apontam Hall et al (1999) em diferenças de abordagens entre as fontes primárias e secundárias na produção de significados sobre determinadas temáticas. A hierarquia da credibilidade que se choca com a objetividade ao preferir os setores oficiais da sociedade são foco da discussão dos autores.

É fundamental também para as fontes com o protagonismo que exercem na promoção dos acontecimentos a partir de diferentes disputas, como abordam Molotch e Lester (1999). Nesta linha de raciocínio, as zonas de confronto sobre problemáticas sociais em disputa na sociedade demonstram a necessidade de acontecimentos (*event needs*) na esfera pública. Neste conjunto, os autores dividem os agentes que produzem sentido nos media em: a) *News Promoters* (fontes oficiais ou oficiosas que provocam ou promovem notícias, ou até mesmo indivíduos com este potencial na sociedade); b) *News Assemblers* (jornalistas e o conjunto de trabalhadores dos media); c) *News Consumers* (consumidores da informação).

Como nosso foco recai sobre a discussão sobre o papel das fontes na cobertura eleitoral, vale ressaltar os acontecimentos de rotina, que segundo Molotch e Lester (1999) são produzidos intencionalmente por estes agentes. A questão continua com a diferença de status e relações de poder entre as fontes que são exercidas no acesso ao jornalismo e as estratégias de promoção das ocorrências na sociedade. Essa possibilidade se dá por três formas: a) quando os promotores tem acesso habitual à mídia, como é o caso de fontes oficiais, altos funcionários do governo, declarações presidenciais; b) acesso disruptivo, na qual os acontecimentos promovidos tornam-se um problema para os poderosos em manifestações, ocupações e outras atividades das fontes; c) acesso direto com a investigação de dados promovidas pelos jornalistas com a criação de novas ocorrências (MOLOTCH e LESTER, 1999).

Nilson Lage organiza uma classificação a partir da confiabilidade, o que sucedeu inúmeros trabalhos sobre esse registro. Para o autor, elas são de natureza mais ou menos confiável, pessoais, institucionais, documentais ou então oficiais, oficiosas e independentes, ou então primárias ou secundárias. “Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais” (LAGE, 2001, p. 65).

Para Chaparro (1994), as fontes são sujeitos institucionalizados, que se capacitam para produzir acontecimentos, geram conteúdos e interferem na pauta jornalística, transformam o jornalismo em espaço público dos conflitos e utilizam este ambiente para agir e interagir no mundo. Sant’anna (2009) avança no sentido de mapear como as mídias das fontes exercem o papel duplo de sensibilizar a pauta de jornais, emissoras de rádio e televisão e o próprio público que cultivam. Neste sentido, a internet que agrega esse conjunto de estratégias e o ciberespaço se torna fonte para os jornalistas, promovendo alterações em sua natureza e no próprio sistema de produção (MACHADO, 2003).

Schimitz (2011, p. 9) argumenta que é necessário diferenciar fonte de informação e de notícia. Enquanto qualquer informação está disponível a alguém, a relacionada à notícia precisa de um mediador que faça ou promova a circulação de seu conhecimento, seu saber ou testemunho. Segundo o autor, elas podem ser divididas em oficiais, empresariais, institucionais, populares, notáveis, testemunhais, especializadas e de referência.

Rossi (2013) apresenta um esquema de tipografia das fontes encontradas ao longo de um percurso teórico desenvolvido em sua dissertação de mestrado, o que envolveria mais de 30 formas de abordar estas diferentes vozes. Porém, no sentido de avançar para as zonas cinzentas deste percurso para nosso objetivo final, desde o início dos anos 1990, uma série de questões afeta a produção jornalística. A inserção de novas tecnologias, o reposicionamento do mercado e o surgimento de novos atores, a fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2002) e a revolução das fontes (CHAPARRO, 1994) promoveram novas discussões. Esse ambiente inclui a organização estruturada de agentes externos à redação até a utilização de fontes convergentes.

Em pesquisas recentes, a ótica da participação das fontes no jornalismo foi aprofundada em diferentes vias em dissertações apresentadas em programas de pós graduação pelo país. Rutilli (2014), por exemplo, inseriu neste processo de taxonomização a utilização de fontes

convergentes presentes em redes sociais, aplicativos de celular sobre serviços como trânsito e outras estratégias que alteram a dinâmica dentro da redação. Moletta (2016) mapeou as estratégias de movimentos sociais na produção de agências de notícias como materiais das próprias fontes nesta produção. E Chagas (2016), na pesquisa sobre a cobertura eleitoral, analisou a preponderância de fontes oficiais em emissoras de rádio ligadas a grupos políticos.

A classificação e tipificação das fontes possuem diferentes linhas de abordagem, ou então formas de análise de sua presença nos produtos jornalísticos. Porém, em poucos casos possui uma verificação situada e colocada em referência, não a localidade geográfica como pontua Wolf (2009), mas temática, fundamentada em determinadas coberturas. Assim, a proposta que segue em análise é parte deste conjunto, perpassa diferentes vias, mas ganha corpo no momento da cobertura eleitoral. Exerce um papel fundamental na defesa de interesses, como base dos agentes escolhidos enquanto fontes pelos jornalistas, mas que necessita de um aprofundamento na análise de suas estratégias quando está presente no ambiente comunicacional.

A seletividade das fontes, uma das principais bases desta discussão, é abordada por Ferraretto (2014) em sua classificação a partir de duas modalidades: internas e externas. As internas compreendem as equipes de reportagem, enviados especiais, editores, correspondentes, apuração dentro da redação. Já as externas são assessorias de imprensa, agências de notícias, informantes e a internet. A promoção da diversidade insere-se na possibilidade de equilíbrio entre internas e externas, entre oficiais e populares, em diferentes temáticas de interesses sociais.

Com um extenso trabalho de investigação sobre a recepção do principal telejornal do país, Mauro Porto (2007) coloca um papel central na pluralidade de enquadramentos e a na possibilidade de interpretação dos meios com a exposição diferentes vozes nas informações. Os marcos interpretativos são partes fundamentais do modelo do cidadão interpretante, e como argumenta o autor, reforça o potencial de leitura dos cidadãos.

Considerações finais

O desequilíbrio no acesso ao temário noticioso é uma constatação em uma sociedade com as características econômicas atuais. Essa situação é verificada com ainda mais força em temáticas com interesses de todas as camadas sociais. O processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff em agosto de 2016, a crise pela qual passa o Estado do Rio de Janeiro após a concessão de diversos benefícios fiscais a empresas desde 2008, as ocupações chegaram a 2.114

escolas no país, além de 222 universidades somente nos meses de outubro e novembro. Todos estes assuntos passam pela mediação do jornalismo, de valores notícia ou critérios de noticiabilidade que implicam a seleção de acontecimentos e fontes. Mas quem está na preferência dos jornalistas ou das empresas de comunicação?

A proposta que aqui se apresenta segue o reconhecimento dos meios em um processo de mediação horizontalizada, que passa pelo meio de comunicação, mas que também está na leitura realizada destes processos. Assim, no primeiro aspecto, a seleção das fontes, que contemplem a diversidade de enquadramentos sobre os temas leva a reduzir o desequilíbrio entre fontes oficiais e populares, entre empresariais e atores oriundos de movimentos sociais. A escolha das vozes presentes no noticiário vão além da classificação interna ou externa, como propõe Ferraretto (2014). Elas precisam ser transparentes nos estudos acadêmicos e na prática profissional para que possam também visualizadas pela audiência com suas diferenças.

A seleção qual o radiojornalismo em torno das fontes é específica relacionada ao meio, não restringida ao produtor, ou ao chefe de reportagem, mas a diversas funções dentro da redação. O processo de gatekeeping foge das características tradicionais apresentadas por White (1999), por exemplo, ou então das rotinas específicas de meios impressos ou online, como apresentada por Barsotti e Aguiar (2012). Neste sentido, como a mediação é também uma intensa disputa de sentido na sociedade, como afirma Martín-Barbero (2004), resta reconhecer, no caso do radiojornalismo, as diferenças entre as vozes que tematizam os debates sociais. Desta forma, fugimos dos aspectos macrossociais e teóricos das considerações de Silverstone (2002) e Martín-Barbero (2004), no sentido de localizar no papel das fontes uma dinâmica específica, que reflete a escolha jornalística e a apropriação de diferentes agentes sociais do espaço midiático na democracia.

Referências

- BARSOTTI, Adriana; AGUIAR, Leonel A. **Mobilizar a audiência: uma experiência contemporânea no jornalismo online**. Alceu, v. 13, n. 25, jul-dez, 2012.
- BORRAT, Héctor. **Once versiones noratlánticas del 23-F. Análisi: Quaderns de Comunicació i Cultura**, Barcelona, no 4, p. 91-113, 1981.

BRITTOS, Valério Cruz. **O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta**. Verso & Reverso. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Miguel Hidalgo: Grijalbo, 1990.

CHAGAS, Luãn J. V. **Jornalismo e Esfera Pública: a cobertura eleitoral de 2014 pelas emissoras de radiodifusão em Guarapuava**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Cem anos de assessoria de imprensa. In: DUARTE, Jorge (org.). Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

FERRARETTO, Luiz A. **Rádio - Teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos mídia. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MOLETTA, Cleber G. **A construção das notícias pelas assessorias de imprensa da Terra de Direitos, Conectas Direitos Humanos e Justiça Global**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016

MARTÍN-BARBERO. **Ofício de cartógrafo: travessia latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio: Néstor Garcia Canclini, Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

MOLOTCH, Harvey & LESTER, Marilyn. A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

PENA, Felipe **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. In Comunicação e Sociedade, 2000. Braga: Vol. 14 (1-2), p. 277-294, Universidade do Minho.

PORTO, Mauro. **Televisão e política no Brasil: a Rede Globo e as interpretações da audiência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007

ROSSI, Michele. **Fontes como indicadores de qualidade no produto jornalístico: discussão em matérias sobre o conflito na fazenda buriti nos jornais O Estado e O Progresso**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2013.

RUTILI, Marizandra. **Rotinas produtivas e relação com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência: um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

SANT’ANNA, Francisco. **Mídia das fontes: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009

SCHIMITZ, Aldo A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

WHITE, David. O gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.